

AS MASCULINIDADES E SUAS RELAÇÕES NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Rômulo Sarmet
Graduando do curso de Educação Física da Universidade Federal Fluminense.
romulosarmet@id.uff.br

Fabiano Devide
*Prof. Associado do Instituto de Educação Física da Universidade Federal Fluminense e
Líder do Grupo de Pesquisa em Relações de Gênero na Educação Física e no Esporte
(GREGEF).*
fabianodevide@uol.com.br

*Simpósio Temático nº 01– “MENINOS VESTEM AZUL”: A PERMANÊNCIA DA
IMPORTÂNCIA DOS ESTUDOS DA(S) MASCULINIDADE(S) PARA AS CIÊNCIAS
SOCIAIS.*

RESUMO

Este estudo destaca a relevância de refletirmos sobre os estudos das masculinidades para interpretarmos práticas cotidianas nas aulas de Educação Física escolar, como mecanismos de exclusão de gênero que operam através de estereótipos e preconceitos circulantes via linguagem. De caráter qualitativo e exploratório, o estudo teve por objetivo efetuar um levantamento sobre os estudos das masculinidades e suas relações com a Educação Física escolar. Para tal, além de livros e capítulos, mapeou artigos de periódicos, teses de doutorado e dissertações de mestrado relativas à temática. Considerando a lacuna existente na produção acadêmica dos estudos das masculinidades indicada na literatura da Educação Física, o levantamento partiu de um recorte histórico entre 2000 e 2021. Para o mapeamento das dissertações, teses e artigos, utilizamos a busca por ‘palavras-chave’, respectivamente, na plataforma “Nuteses” e no “Qualis Capes Periódicos”, tendo como critério de inclusão os periódicos classificados entre os estratos A1 e B2. Identificamos quatro teses e sessenta e seis artigos sobre estudos das masculinidades na grande área da Educação Física. Dentre essa produção, apenas quatorze artigos possuem relação com a temática das masculinidades na Educação Física escolar. Concluímos que há uma escassez de pesquisas e a necessidade de incentivo à produção acadêmica sobre masculinidades neste campo em língua portuguesa, visto que mais da metade dos artigos disponíveis estão publicados em língua inglesa.

Palavras-chave: Educação Física escolar, Masculinidades, Gênero, Exclusão, Bullying.

ABSTRACT

This study highlights the relevance of reflecting about the studies of masculinities to interpret everyday practices in Physical Education classes, as mechanisms of gender exclusion that operates through stereotypes and prejudices circulation through language. This qualitative and exploratory study aimed to survey the studies of masculinities, and their relationship with School Physical Education. In addition to books and chapters, we mapped articles from journals, doctoral and master's dissertations related to the subject. Considering the gap in the academic production of studies of masculinities indicated in the Physical Education literature, the survey started from a historical perspective between 2000 and 2021. For the mapping of dissertations, and articles, we used the search for 'keywords', respectively, in the "Nuteses" and "Qualis Capes Periodicos" platform, having as inclusion criteria periodicals classified between strata A1 and B2. We identified four theses and sixty-five articles about studies of masculinities in the great area of Physical Education. In this production, only 22 articles are related to the theme of masculinities in School Physical Education. There is a lack of research and the need to encourage academic production on masculinities in this field in portuguese language, since more than half of the articles available are published in english.

INTRODUÇÃO

Refletindo acerca de nossa sociedade, identificamos inúmeras desigualdades de gênero. Homens e mulheres sofrem pressões sociais que visam moldá-los para se diferenciarem no que diz respeito à adequação aos papéis que devem assumir no contexto social em que estão inseridos(as) (LOURO, 2008). A discussão sobre o tema "gênero" ainda vem carregada de preconceitos, estereótipos, desconhecimento, discursos de ódio, além de equívocos epistemológicos, conceituais, analíticos e políticos (GOELLNER 2005). Da mesma forma, o debate ainda é escasso na formação inicial em Educação Física (EF). Estudos recentes apontam que a marginalização da temática contribui para o despreparo dos docentes no que diz respeito à abordagem das relações de gênero nas aulas, dificultando o combate às práticas de exclusão por sexualidade e gênero na Educação Física escolar (EF_e) (ARAÚJO, DEVIDE, 2019; DEVIDE, 2020).

Gênero diz respeito ao que foi histórico e socialmente produzido sobre as características biológicas, ou seja, é a construção social daquilo que identificamos como feminino e/ou masculino, a partir de inscrições sobre a anatomia de um corpo sexuado. Deste modo, após o nascimento, práticas e costumes passam a ser reiteradas para que homens e mulheres assumam determinadas características; enquanto o sexo está associado à Biologia e tem relação às diferenças anatômicas entre os homens e as mulheres, no momento do nascimento (GOELLNER, 2005).

O conceito de heteronormatividade torna a heterossexualidade uma norma a qual todos(as) devem assumir no que se refere à direção do desejo sexual. Por exemplo, um sujeito que nasceu com um pênis, deve assumir práticas ditas como masculinas, como jogar futebol e se relacionar sexualmente com uma mulher. Essa relação linear gera preconceitos quando, por exemplo, uma menina assume práticas “masculinas”, como o futebol, ainda que possua uma identidade sexual heterossexual; fato este que também ocorre com os homens que se inserem em práticas corporais representadas como femininas, sendo rotulados de homossexuais, como se a inserção numa prática corporal determinasse a identidade sexual do sujeito (DEVIDE, 2020). As diferenças impostas entre homens e mulheres rotulam e colocam todos/as à prova, e o movimento corporal está impregnado por padrões e regras impostas por instituições, como a família, a religião, a escola, o esporte, entre outras (LOURO, 2009). Neste contexto, os homens são historicamente vistos como provedores e para os quais são atribuídas características como força física, virilidade, resistência à dor, controle das emoções, dentre outras.

Sabemos que os Estudos de Gênero relacionados a EF emergem no final da década de 1980 (DEVIDE et al 2011; DEVIDE 2020), com foco em estudos sobre as meninas e mulheres na EFe e no Esporte, consolidando-se a partir da década de 1990, quando emergiram novas reflexões acerca de questões de gênero, como por exemplo a docência coeducativa na EFe (SARAIVA , 2002, 2005). Tais estudos da área indicam que práticas corporais sofrem influências da cultura, que afetam meninos e meninas de forma distinta, gerando representações diferentes para homens e mulheres (ALTMANN, 2015; ALTMANN et al, 2018). Com isso surgem estereótipos e uma generificação acerca dos conteúdos, definindo quem pode ou não aderir a uma determinada prática

corporal. Um exemplo é a interpretação das atividades rítmicas e expressivas como adequadas às meninas, enquanto atividades de lutas e esportes coletivos seriam mais adequados aos meninos. Tal fato causa práticas de resistência, violência e exclusão daqueles(as) que se inserem em modalidades opostas ao seu gênero (SARAIVA, 2002; DA SILVA, DEVIDE, 2009; ALTMANN, 2015; ALTMANN et al, 2018; DEVIDE, 2020).

No âmbito dos Estudos de Gênero, a construção das masculinidades ocorre em oposição às feminilidades e às características a elas associadas, especialmente o modelo hegemônico de masculinidade, que se opõe não só ao feminino, mas também às outras formas de masculinidade. De acordo com a Teoria da Masculinidade Hegemônica (CONNELL, 1995, 2000, 2003), o modelo hegemônico de masculinidade pode manter estreita relação com a EFe, através do ensino de seus conteúdos, sobretudo o esporte coletivo, que possui relação com a construção da identidade masculina (DUNNING, MAGUIRE, 1997), quando ensinado na perspectiva do rendimento, valorizando características como a virilidade, a habilidade motora, a velocidade, a tolerância à dor e a combatividade, visto que meninos e jovens sofrem um processo de regulação em seus corpos para serem fortes, não demonstrarem suas emoções e não parecerem femininos (BRITTO; SANTOS, 2013).

A valorização destas características da masculinidade hegemônica pela EFe, aliada à redução dos conteúdos das aulas deste componente curricular aos esportes (OLIVEIRA, JAEGER, ROTH, 2019), tem causado diferentes formas de exclusão e opressão àqueles meninos que não atendem ao padrão de masculinidade, estando suscetíveis a sofrerem violência verbal e/ou física, por aqueles que se aproximam das normas masculinas. Neste contexto, há discriminações tanto sobre a identidade sexual e de gênero, quanto às características físicas, à aparência pessoal e à gestualidade dos corpos. O comportamento homofóbico observado entre meninos pode ser considerado como parte central de um processo de socialização que mantém e reproduz a desigualdade sexual e de gênero (DA SILVA, DEVIDE, 2009; DEVIDE et al 2011; LEITE, 2012; DEVIDE, 2020; PASCOE, 2018).

Desta forma, a EFe e conteúdos como os esportes contribuem para a construção de identidades masculinas, onde a aptidão, a força e a aparência viril são símbolos que representam culturalmente o que é ser homem, configurando praticamente uma obrigação do sexo masculino em internalizar os esportes como um dever em sua formação (LOURO, 1997). Compreendendo a escola, a EFe e seus conteúdos enquanto uma área onde os sujeitos recebem reiteradamente discursos sobre a identidade de gênero masculina, é necessário se apropriar e refletir sobre o tema das masculinidades na escola e nas aulas deste componente curricular, uma vez que a literatura tem apontado que as mesmas reproduzem e reafirmam iniquidades, baseadas no sexismo, no machismo, na misoginia e na homofobia, reforçando hierarquias e naturalizando desigualdades de gênero, resultando em mecanismos de exclusão circulantes no contexto escolar, sobretudo nas aulas de EFe (AUAD, 2006; CORSINO, AUAD, 2017; DEVIDE, 2020; FERNANDES, ALTMANN, 2020). Assim sendo, o presente trabalho tem por objetivo averiguar, através de uma revisão bibliográfica, o que a literatura dos Estudos das Masculinidades tem apresentado sobre as relações das masculinidades com o ensino da EFe.

METODOLOGIA

Este trabalho se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico, exploratório e descritivo (GIL, 2008). Nossa investigação consiste numa revisão bibliográfica a respeito do tema: As masculinidades e suas relações no contexto da EFe, objeto central do estudo. Para fins da revisão de literatura, utilizamos um corpus documental constituído por livros, capítulos, artigos de periódicos, teses de doutorado e dissertações de mestrado relativas à área dos Estudos das Masculinidades na EF.

Os procedimentos metodológicos para realização deste levantamento bibliográfico foram organizados a partir do recorte histórico no que diz respeito à data de publicação da literatura investigada sobre as masculinidades e sua relação com as práticas de exclusão nas aulas de EFe. Considerando a lacuna na investigação desta

temática nos Estudos de Gênero na EF já reportada e a atualidade do tema, fizemos um levantamento de artigos, dissertações e teses publicados entre 2000 e 2021.

Para desenvolver a pesquisa no âmbito dos periódicos, dissertações e teses, utilizamos um levantamento nas plataformas “Qualis Capes Periódicos” e “Nuteses”¹. Quanto aos periódicos, utilizamos como critério de inclusão aqueles classificados entre os estratos A1, A2, B1 e B2 no último quadriênio. Após o levantamento, os periódicos mapeados no Qualis Capes são apresentados na tabela a seguir:

Nome do periódico	Instituição de publicação	Qualis CAPES
Sport Education and Society	Taylor and Francis Journals	A1
International Review for the Sociology of Sport	International Sociology of Sport Association	A1
Physical Education and Sport Pedagogy	Association for Physical Education	A1
International Journal of Sport Psychology	International Society of Sport Psychology	A2
Journal of Teaching in Physical Education	Human Kinectis Journal	A2
Psychology of Men and Masculinities	American Psychological Association	A2
Movimento	UFRGS	A2
Motriz	Unesp	B1
Revista Brasileira de Ciências do Esporte	Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte	B1
Motricidade	Edições Desafio Singular	B1
Revista Brasileira de Educação Física e Esportes	USP	B1
Revista da Educação Física da UEM	UEM	B1
Educação e Realidade	UFRGS	B2
Educação em Revista	UFMG	B2
Motrivivência	UFSC	B2
Pensar a Prática	UFG	B2
Pro Posições	UNICAMP	B2

Tabela 1. Periódicos com Qualis Capes A1, A2, B1 e B2 na área da Educação Física.

Mapeados os periódicos a partir do Qualis Capes, utilizamos a base “Nuteses” para o levantamento das dissertações e teses publicadas na área de Educação Física, com foco na temática das masculinidades e suas relações com práticas de exclusão com a EFe. Para fins de levantamento junto aos periódicos e as dissertações e teses,

utilizamos as seguintes palavras-chave: “Masculinidade”; “Gênero”; “Exclusão”; “Estereótipo”; “Homofobia”; “Bullying”; além dos pares de palavras-chave: “Masculinidade-Educação Física”; “Masculinidade-Gênero”; “Masculinidade-Exclusão”; “Masculinidade-Estereótipo”; “Masculinidade-Homofobia”; “Masculinidade-Bullying”; “Masculinidades-Educação Física escolar” e “Masculinidade-Esporte”.

DESENVOLVIMENTO

Os estudos sobre os homens e as masculinidades surgiram entre as décadas de 1960 e 1970, momento em que a sociedade começa a perceber a necessidade e a possibilidade de mudanças nas relações de gênero. Esta consciência emergiu com o movimento de liberação das mulheres, liberação dos gays e dos homens (CONNELL, 1995). O feminismo da década de 1970, além de dar voz às preocupações das mulheres, evidenciou diversos problemas relacionados aos homens, reconhecendo a natureza social das masculinidades e a possibilidade de transformações (CONNELL, 2000; CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2013).

Entendendo a masculinidade como uma configuração de prática em torno da posição dos homens nas estruturas das relações de gênero (CONNELL, 1995, 2000), é necessário esclarecermos que falamos de uma construção social. As masculinidades são produzidas em tempos históricos e culturas distintas, assim como podem coexistir no mesmo contexto social. Como característica de um padrão chamado de hegemônico, ressaltamos a busca pelo distanciamento de características relacionadas à feminilidade, assim como a rejeição às práticas homoafetivas. Outras formas de masculinidade coexistem, como a cúmplice, marginalizada e subordinada, hierarquicamente organizadas (CONNELL, 1995, 2000; CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2013).

Percebendo que o ambiente do esporte, considerado o último espaço de redenção da masculinidade hegemônica, apresentava uma dinâmica das relações entre os meninos que não estava baseada na homofobia ou na misoginia, Anderson e McCormack (2016) concluíram que a teoria da masculinidade hegemônica não trazia

elemento que auxiliassem na explicação dessas mudanças nas relações emergentes de fraternidade entre meninos e entre homens atletas, propondo a Teoria da Masculinidade Inclusiva (ANDERSON, 2009), baseada em comportamentos que contrastam e rejeitam os princípios da masculinidade hegemônica. Os homens enquadrados nesta teoria não sentem a necessidade de provar sua heterossexualidade a todo momento, não rejeiam a homossexualidade e não temem serem associados ao feminino (ANDERSON, 2005).

É relevante compreendermos que a teoria da masculinidade inclusiva se refere, primeiramente, a uma maior aceitação e inclusão de homens gays no esporte, relacionando tal fenômeno à redução da homofobia em algumas culturas onde as pesquisas foram desenvolvidas, como o Reino Unido e os Estados Unidos. Isto não significa que haja a mesma forma de inclusão em outros contextos sociais, pois questões de classe e raça, por exemplo, também influenciam na emergência de masculinidades mais inclusivas. Contudo, a teoria aponta o decréscimo da homofobia, ainda que esta persista, ao lado da heteronormatividade e dos privilégios dos heterossexuais. A teoria da masculinidade inclusiva defende que com a diminuição da homofobia, múltiplas formas de masculinidade podem coexistir lado a lado, sem hierarquia, além de permitir que homens e meninos possam agir com maior liberdade, fraternidade, cumplicidade e tatilidade (ANDERSON, 2012; ANDERSON, McCORMACK, 2016).

Para Dunning e Maguire (1997) a imagem mais popular que representa a masculinidade é a imagem do "Homem-herói", fortemente ancorada no campo dos esportes, uma das instituições culturais que mais influencia na configuração da identidade masculina. De fato, há uma pressão de instituições como a mídia, a escola, os pais, o grupo de amigos, etc. para que meninos e homens pratiquem esportes. Nesse contexto, o esporte se transformou numa das principais áreas de validação da masculinidade, sendo usado para expressar valores masculinos tradicionais, como a agressividade e a combatividade presentes em algumas modalidades como o rugby e as lutas, consideradas uma iniciação à virilidade, fazendo com que homens que se afastavam destas fossem taxados de afeminados ou homossexuais (DUNNING, MAGUIRE, 1997; SILVA, BOTELHO-GOMES, GOELLNER, 2008).

De forma geral, o esporte tem promovido a competição, a violência, a agressão e o sexismo, aspectos que fortalecem a dominância masculina, reafirmando o poder dos

homens em relação às mulheres e aos outros homens que não se enquadram no padrão normativo de masculinidade (DEVIDE, 2005). Ao pensarmos nos esportes na EFe, percebemos que as aulas podem manter uma relação direta com as características da masculinidade hegemônica. A prática de esportes na EFe pode ser considerada uma espécie de ritual no qual meninos se tornam homens, incorporando características dos papéis sociais masculinos, impostos culturalmente pela sociedade e reforçados na prática esportiva. Dessa forma, enquanto conteúdo da EFe, o esporte promove um ambiente no qual é cobrado do indivíduo características como força, agressividade e competitividade, socialmente atribuídas aos meninos e homens, forjando um modelo de masculinidade hegemônica (DA SILVA, DEVIDE, 2009; BRITO, SANTOS, 2013).

O formato com o qual o esporte tem sido apresentado na EFe desencadeia, portanto, práticas de exclusão. A EFe é atravessada por um "emaranhado de exclusões", relacionado às diferentes categorias, como o gênero, a habilidade, a idade e a força física (ALTMANN, 1998), ou seja, não se exclui apenas por gênero, mas por um conjunto de atributos. Os valores da EF e do esporte nas escolas estão alinhados às características estereotipadas associadas aos meninos (HICKEY, 2008). Neste cenário, alguns alunos impedem outros alunos de participarem das atividades por não se enquadrarem nos padrões estabelecidos pelas turmas (BRITO, SANTOS, 2013), discriminando-os com base num pensamento alicerçado na heteronormatividade, gerando ações homofóbicas (JAEGER, et al. 2019)

Precisamos consentir que meninos são pressionados a provarem sua masculinidade e heterossexualidade a todo momento. Para isso, se baseiam em práticas homofóbicas e no assédio sexual contra as meninas, a partir da prática do *bullying* (PASCOE, 2018). No momento em que um(a) aluno(a) opta por uma prática corporal ou esportiva que não é culturalmente associada a seu sexo, se rompe a linearidade sexo-gênero-sexualidade, tornando este indivíduo um alvo de manifestações homofóbicas (JAEGER et al, 2019). Nas atividades da EFe, o bullying tende a aparecer de uma forma mais ativa, devido à relevância das práticas corporais no processo de socialização, o que acaba por expor ainda mais as diferenças entre os alunos.

RESULTADOS DO LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Após fazermos o levantamento de acordo com os parâmetros definidos na plataforma NUTESSES, identificamos as seguintes dissertações e teses, abaixo listadas:

Título	Autoria	Ano	Local
Representações de masculinidades na dança contemporânea	ANDREOLI, Giuliano	2010	UFRGS
“Canto, bebo e brigo.. alegria do meu coração” Currículo de masculinidades nos estádios de futebol	BANDEIRA, Gustavo	2009	UFU
A identidade do jogador de polo aquático e o mito da masculinidade	TELLES, Silvio	2002	UGF
Discursos de homens idosos na natação master: envelhecimento e masculinidade na perspectiva do gênero	RIBEIRO, Alessandra	2005	UCB

Tabela 2. Dissertações e Teses sobre Estudos das Masculinidades na EF.

O levantamento nos periódicos, utilizando as palavras-chave e pares de palavras-chave mencionados previamente, mapeamos 62 artigos distribuídos pelos periódicos:

Nome do periódico	Nº de artigos sobre Estudos das Masculinidades
Sport Education and Society	20 artigos
International Review for the Sociology of Sport	13 artigos
Physical Education and Sport Pedagogy	1 artigo.
Journal of Teaching in Physical Education	1 artigo
Movimento	11 artigos
Revista Brasileira de Ciências do Esporte	4 artigos
Motricidade	1 artigo
Revista Brasileira de Educação Física e Esportes	3 artigos
Educação e Realidade	1 artigo
Motrivivência	4 artigos
Pensar a Prática	3 artigos

Tabela 3. Periódicos e número de artigos sobre Estudos das Masculinidades na EF entre 2000-2021.

No segundo momento, mapeamos 22 artigos com relação direta com nosso objeto de pesquisa, a saber a relação entre as masculinidades e a EFe, abaixo listados:

Título do artigo	Autor	Periódico	Ano
A homofobia em Educação Física na escola: uma revisão sistemática	MACANA, Angelica; DEVIS, José	Movimento	2020
Masculinidades na educação física escolar: um estudo sobre os processos de inclusão/exclusão	BRITO, Leandro; SANTOS, Mônica	Rev. Bras. de Ed. Física e Esporte	2013
Educação Física no sistema educativo português: um espaço de reafirmação da masculinidade hegemônica.	SILVA, Paula , BOTELHO-- GOMES, Paula ; GOELLNER, Silvana	Rev. Bras. de Ed. Física e Esporte	2008
As masculinidades produzidas nas aulas de Educação Física; percepções docentes.	SILVA, Marcelo; CESAR, Maria	Motrivivência	2012
Educação Física escolar: Reflexões sobre as aulas de exclusão.	TEIXEIRA, Fabiano	Motrivivência	2009
Physical Education, Sport and hyper-masculinity in school.	HICKEY, Chris	Sport Education and Society	2008
Negotiating Sexuality and Masculinity in school sport: an autoethnography	CARLESS, David	Sport Education and Society	2011
The role of sport in the constructions of masculinities in an english independent school	SWAIN, Join	Sport Education and Society	2007
Masculinity constructions and sports in boys' education: framework for thinking about the issue.	CONNELL, Raewyn	Sport Education and Society	2008
Teacher's stories: physical education teachers constructions and experiences of masculinity within secondary school physical education	WHITE, Adam; ROBSON, Michael	Sport Education and Society	2017
Inclusive and exclusive masculinities in physical education: a scottish case study	CAMPBELL, Darren et al	Sport Education and Society	2018
Boys, Masculinities and PE	BRAMHAM, Peter	Sport Education and Society	2003
Investigating the development of masculine identities in physical education	STEWART, Sean et al	Sport Education and Society	2020
Hegemonic Masculinity in Sport Education: case studies of pre-service physical education teachers with teaching orientation	CHEN, YuChun; CURTNER-SMITH, Matthew	Sport Education and Society	2013
High School Rugby, the body and reproduction of Hegemonic Masculinity	LIGHT, Richard; KIRK, David	Sport Education and Society	2010
Making chinese-canadian masculinities in Vancouver's physical education curriculum	MILLINGTON, Brad et al	Sport Education and Society	2008
'No rugby- no fear': collective stories, masculinities, and transformative possibilities in school	PRINGLE, Richard	Sport Education and Society	2008

'A passion or football': Dominant Masculinities and Primary Schooling	SKELTON, Christine	Sport Education and Society	2010
Football culture in an Australian School Setting: The construction of Masculine identity.	BURGESS, Ian; EDWARDS, Allan; SKINNER, James.	Sport Education and Society	2010
'Just don't hit on me and i'm fine': Mapping high school wrestlers' relationship to inclusive masculinity and heterosexual recuperation	MICHAEL, B	International Review for the Sociology of Sport	2013
Unspoken: exploring the constitution of masculinities in Swedish physical education classes through body movements	JOY, Phillip; LARSSON, Hakan	Physical Education and Sport Pedagogy	2019
Shifting and Narrowing masculinity hierarchies in Physical Education: status matters	TISCHLER, Amy ; MCCAUGHTRY, Nate	Journal of Teaching in Physical Education	2014

Tabela 4. Artigos publicados em periódicos A1, A2, B1 e B2 sobre a temática dos Estudos das Masculinidades na EFe.

O levantamento efetuado identificou 66 artigos e 4 dissertações de mestrado que discutem a temática das masculinidades na EF e no Esporte. Dentre a referida produção, apenas 22 artigos possuem relação direta com nosso objetivo de pesquisa, relacionando as masculinidades com EFe e seus desdobramentos, como a homofobia, o bullying e as práticas de exclusão.

Com este primeiro levantamento, é possível observar a escassez e a necessidade de mais estudos acerca das masculinidades e suas influências na EFe, principalmente na literatura disponível em língua portuguesa. Grande parte destes artigos foram publicados em inglês, pois dentre o total, 17 artigos estrangeiros relacionam masculinidades com EFe. Outro ponto de análise importante é a quantidade de artigos que já estão debruçados na Teoria da Masculinidade Inclusiva (ANDERSON, 2005, 2009). Em língua inglesa, mapeamos quatro estudos baseados neste teoria, enquanto no Brasil a maioria dos estudos se baseia na Teoria da Masculinidade Hegemônica (CONNELL, 1995, 2000, 2003). Não foi possível, neste mapeamento, identificar artigos em português que utilizem a teoria de Anderson, demonstrando que ainda estamos desbravando este campo. Nesta direção, enfatizamos a necessidade de mais estudos acerca das masculinidades e suas relações com a EF e EFe.

De modo geral, maior parte da literatura mapeada relaciona os problemas de exclusão observados na EFe com o modelo da masculinidade hegemônica. Os artigos convergem ao mostrar que durante as aulas, principalmente na prática esportiva, os estudantes forjam e reafirmam masculinidades heterossexuais, excluindo e discriminando aqueles que se mostram diferentes desta. Isto ocorre, pois grande parte das aulas de EFe ainda mantém seus conteúdos centrados na prática esportiva, que carrega características historicamente associadas ao masculino e tidas como essenciais na construção de uma masculinidade heterossexual. Os estudos mostram que aqueles não aptos ao esporte são excluídos, visto que nossa sociedade crê que todo menino saudável deveria praticá-lo, e os que não demonstram habilidade são discriminados, pois na visão dos mais habilidosos, atrapalham o rendimento dos jogos na EFe.

Outro fato gerador de exclusões é a identidade sexual e de gênero. Meninos que assumem uma identidade não heterossexual são postos no fundo da hierarquia entre as formas de masculinidade, além de serem excluídos pelos meninos que buscam reafirmar sua heterossexualidade se distanciando de qualquer atitude ou prática ligada ao feminino. Atitudes homofóbicas são consideradas parte da construção social que forja as atitudes masculinas heterossexuais, como o bullying homofóbico, que faz parte da socialização dos meninos. Ou seja, são excluídos na EFe todos os que, de alguma forma, se distanciam do padrão de masculinidade heterossexual.

Os estudos que investigaram a influência de uma masculinidade inclusiva na EFe apontam que esta poderia ser positiva, visto que os principais problemas acerca das masculinidades estão relacionadas à pressão que os alunos sofrem para se afastar de atitudes homossexuais ou supostamente femininas. Em um cenário onde meninos não hostilizam outros meninos que se afastem do modelo hegemônico de masculinidade, as aulas de EFe seriam mais inclusivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para pensar em uma EFe que contribua para superar inequidades de gênero, propomos a coeducação (SARAIVA, 2002, 2005). Primeiramente precisamos compreender que a natureza humana não se restringe à biologia dos corpos, pois os

corpos também são construídos culturalmente (DAOLIO, 1995). Para ocorrer a coeducação, é imprescindível uma prática docente que tenha o objetivo de problematizar as desigualdades de gênero na EFe, possibilitando que aos alunos adquiram uma visão crítica e reflexiva acerca dos processos históricos que influenciam na forma de perceber o feminino e o masculino nas práticas corporais (CORSINO, AUAD, 2017).

As escolas precisam reconhecer as discriminações de gênero e as potencialidades dos(as) alunos(as), independente da anatomia de seus corpos. É necessário também fazer com que discentes encontrem igualdade de condições para desenvolverem aptidões, sem distinção de gênero (CORSINO, AUAD, 2017).

Para tal, professores e professoras precisam demonstrar atitudes que valorizem as diferenças (CORSINO, AUAD, 2017). Para implementar a coeducação, de acordo com Auad (2006, p. 80) seriam necessários “agentes de mudança”, tais como: professores(as), secretários(as) de educação e auxiliares, pesquisadores(as), diretores(as) de escola, supervisores(as) e coordenadores(as) pedagógicos. Estas pessoas distribuídas em órgãos governamentais e em organizações não governamentais seriam responsáveis por analisar as situações escolares, traçando objetivos e metas que tenham como propósito um ensino igualitário (AUAD, 2006).

A prática docente também necessita a adoção de mudanças no cotidiano escolar, para garantir a igualdade entre o masculino e o feminino, como por exemplo: incentivar a interação entre meninos e meninas em trabalhos e brincadeiras, desestimulando a competição entre eles(as) e incentivando a cooperação; incentivar igualmente meninas e meninos às atividades, sejam esportivas, de ciências, de artes, assim como incentivar ambos os grupos a brincarem e experimentarem diferentes atividades, sem genericá-las. É importante usar o mesmo tom de voz para se dirigir tanto às meninas quanto aos meninos, e não criticar reforçando características negativas relacionadas ao sexo, por exemplo: “-Você é bagunceira como um menino” ou “-Você parece uma menina”. O(A) professor(a) pode encorajar demonstrações de afeto entre discentes, a partir de atividades que necessitem o cuidado com a integridade do outro, evitando a repressão de demonstrações de carinho entre discentes, respeitando as diferentes possibilidades de expressões das identidades de gênero e sexual, tornando a

diferença e a diversidade um valor e não um problema a ser invisibilizado (AUAD, 2016; CORSINO, AUAD, 2017).

Para garantir uma EF coeducativa, se faz necessário mudar a visão tradicional de EFe que historicamente prioriza o rendimento esportivo como objetivo principal. Precisamos, além de repensar o entendimento da EF e suas funções dentro das escolas, compreender o corpo como construção cultural, que também é constituído pelas relações de gênero. Aliado a isso, é importante que professoras e professores criem situações que permitam problematizar questões relacionadas ao gênero e ao corpo, possibilitando que os(as) alunos(as) reflitam de forma crítica acerca das desigualdades relacionadas ao gênero na escola e na sociedade, posicionando-se contra qualquer forma de discriminação, como a homofobia, a misoginia, o machismo e o sexismo.

Deste modo, estaríamos contribuindo para desconstruir a naturalização das desigualdades de gênero, buscando valorizar as diferenças ao invés de transformá-las em motivos para exclusões. A EFe coeducativa pode transformar as aulas em um ambiente igualitário e livre de preconceitos, democratizando as práticas relacionadas à cultura corporal, de modo que todos e todas se sintam livres para se expressar e praticar quaisquer atividades sem julgamento. Se faz urgente pensar uma formação inicial em EF que incentive o respeito e a valorização das diferenças, que combata a homofobia e que promova a aceitação de diferentes identidades de gênero e sexual, gerando um ambiente inclusivo.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física**. 1998, 119f, Dissertação-Mestrado em Educação, UFMG, Belo Horizonte.

_____, **Educação física escolar: relações em jogo**. São Paulo: Cortez, 2015.

ALTMANN, H. et al. Gênero e cultura corporal de movimento: práticas e percepções de meninas e meninos. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, n.1, v.26, p.1-16, 2018.

ANDERSON, E. Orthodox and inclusive masculinity: competing masculinities among heterosexual men in a feminized terrain. **Sage Journals**, v. 48, n.3, p. 337-355, 2005.

_____, Inclusive masculinity in a physical education setting. **THYMOS Journal of boyhood studies**, v.6, n. 2, 2012.

ANDERSON, E.; McCORMACK, M. Inclusive Masculinity Theory: overview, reflection and refinement. **Journal of Gender Studies**, v. 25, n.5, p. 547-561, 2016.

ARAÚJO, A. B. C. de; DEVIDE, F. P. “Gênero” e “Sexualidade” na formação em Educação Física: uma análise dos cursos de licenciatura das instituições de ensino superior públicas do Rio de Janeiro. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p. 25-41, 2019.

AUAD, D. **Educar meninos e meninas: relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2006

BRITO, L.T. de; SANTOS, M. P, dos. Masculinidades na educação física escolar: um estudo sobre os processos de inclusão/exclusão. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 235-246, 2013.

CONNELL, R. W. Políticas das masculinidades. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n.2, p. 185-206, 1995.

_____, **The men and the boys**. Australia: Allen &Unwin, 2000.

_____, **Masculinidades**. México: UNAM-PUEG, 2003.

CONNEL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n.1, p. 241-282, 2013.

CORINO, L.C. P. Homoerotismo na grécia antiga - homossexualidade e bissexualidade, mitos e verdade. **BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, Rio Grande, v. 19, n.?, p. 19-24, 2006.

CORSINO, L.; AUAD, D. **O Professor diante das relações de gênero na educação física escolar**. São Paulo: Cortez, 2017.

DA SILVA, C. A. F.; DEVIDE, F. P. Linguagem discriminatória e etnométodos de exclusão nas aulas de Educação Física escolar. **RBCE**, v. 30, n. 2, p. 181-197, 2009.

DEVIDE, F. P. **Gênero e mulheres no esporte: História das Mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos**. Ijuí: Unijuí, 2005.

_____, Estudos de gênero na educação física brasileira: entre ameaças e avanços, na direção de uma pedagogia *queer*. In.: WENTEZ, I.; ATHAYDE, P.; LARA, L. (Orgs.) **Ciências do Esporte, Educação Física e Produção do Conhecimento em 40 anos de CBCE- volume 6 - Gênero e sexualidade no esporte e na Educação Física**. Natal: EdUFRN, 2020. p. 91-105.

DEVIDE, F. P. et al. **Estudos de gênero na Educação Física brasileira**. Motriz, Rio Claro, v. 17, n. 1, p. 93-103, 2011.

DUNNING, E.; MAGUIRE, J. As relações entre os sexos no esporte. **Revista Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 321-348, 1997.

FERNANDES, S. C.; ALTMANN, H. A educação esportiva e gênero na escola pública: posicionamento docente positivo diante do fazer esportivo de meninas. In.: WENTEZ, I.; ATHAYDE, P.; LARA, L. (Orgs.) **Ciências do Esporte, Educação Física e Produção do Conhecimento em 40 anos de CBCE- volume 6 - Gênero e sexualidade no esporte e na Educação Física**. Natal: EdUFRN, 2020. p. 31- 45.

GIL, A. N. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GOELLNER, S. V. Gênero. In: GONZÁLEZ, F.J.; FENSTERSEIFER, P.E. (Orgs.) **Dicionário Crítico de Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2005. p. 207-209.

HEARN et al. Hegemonic masculinity and beyond: 40 years of research in Sweden. **Men and Masculinities**, v. 15, n.1 , p. 31- 55, 2012.

HICKEY, C. Physical education, sport and hyper-masculinity in schools. **Sport Education and Society**, v. 13, n.2, p 147- 161, 2008

JAEGER, A. A. et al. Formação profissional em educação física: homofobia, heterossexismo e as possibilidades de mudanças na percepção dos(as) estudantes. **Movimento**, Porto Alegre, v.25, p 2-13, 2019

LEITE, M. Violência e homofobia na escola. In: CANDAU, V. M. (Org.). **Didática crítica intercultural: Aproximações**. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 191-215.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petropolis: Vozes, 1997. p. 14-36.

_____. Heteronormatividade e Homofobia. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade sexual na Educação: problematização sobre homofobia nas escolas**. Brasília: MEC - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade/Unesco, 2009.

_____, Gênero e sexualidade: pedagogia contemporâneas. **Pro-posições**, Campinas, v. 19, n.2 , p. 17-23 , 2008.

OLIVEIRA, M.C.; JAEGER, A. A.; ROTH, V. S. Estereótipos de gênero e Educação Física: diálogo com estudantes do ensino médio. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v.5, n.1, p.75-96, 2019.

PASCOE, C. J. Notas sobre uma sociologia do bullying: homofobia de homens jovens como socialização de gênero. **Teoria e Cultura**, Juiz de Fora, v. 13, n. 1, p. 289-301, 2018.

SARAIVA, M. DO C. Por que estudar as questões de gênero no âmbito da Educação Física, esporte e Lazer? **Motrivivência**, Florianópolis, ano XIII, n.19. p. 78-85, 2002.

SARAIVA, M. DO C. **Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito**. Ijuí: Unijuí, 2005.

SILVA, P.; BOTELHO-GOMES, P.; GOELLNER, S.V. Educação Física no sistema educativo português: um espaço de reafirmação da masculinidade hegemônica. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v. 22, n. 3, p.219-233, 2008.

Notas

1- “Qualis Capes periodicos” acessado no link:
<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>

“Nuteses” acessado no link: <http://www.nuteses.ufu.br/index.php?id=22>